

Alves Redol

Gaibéus



Alves Redol

G A I B É U S

romance

6.ª edição, refundida

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Shi

6.^a edição (20.^o milhar), 1965
Capa: Estúdios P. E. A.

© Alves Redol



breve memória para os que têm menos de 40 anos ou para quantos já esqueceram o que aconteceu em 1939

Os romances, enquanto o público lhes não abre coval no esquecimento, vivem também o seu romance, às vezes bem mais rico de acontecimentos do que a trama romanesca com que o mundo os conhece.

Gaibéus tem a sua história.

Banal talvez, às vezes ingénua, noutras sábia ou astuta, dramática também, mais do que tudo dramática, mas que enfeixa nas suas múltiplas faces desiguais a marca de um tempo exacto, vivido e sonhado em plena juventude, na companhia de muitos homens que tiveram a coragem de optar pelo caminho mais árduo.

Alguns acharam a morte nessa ousadia, muitos o cativo, bem poucos a ignomínia, quase todos a razão maior para se construírem numa vida coerente e sacrificada.

... E de malogros também, acentuarão quantos esqueceram ou ignoram as coordenadas dessa época em que o mel e o fel andaram tão juntos.

Traiu-nos o lugar, sujeito às tropelias de uma luta em que o peso da nossa mão não bastava para mandar nas

rédeas do futuro; traiu-nos o tempo, porque o imperialismo buscava a teta de mercados que lhe mingassem a gula e aqui não pautava o seu destino, sequer pela burguesia liberal; traíram-nos os espelhos ilusórios em que nos embevecemos, na mira da imagem de um estímulo, talvez porque o embalar da esperança valha mais do que o desespero da realidade desesperada; traíram-se a si mesmos quantos marcaram o tamanho para a penação, talhando fatos à medida da própria vida ou das suas ambições, e acabaram desiludidos com refúgio na morte civil.

Vimos muitas miragens no deserto, talvez porque a sede da desafrota nos secasse a lucidez. Precisávamos de ter um povo, criarmo-nos com ele, e caminhámos ao seu encontro sobre nuvens de ilusões, supondo que pisávamos terra firme. E julgámos muitas vezes o País pelo que desejávamos, desconhecendo que as alienações divergem.

Perante este breve rosário de alinhavos, concluirão os mais jovens que fomos românticos; ou falhados, asseverarão os que à distância aproveitam da nossa pungente experiência (com que materiais se constrói a alegria de alcançar?) e nela encontram a papa feita para nos debicarem com acrobacias de palavras.

Cabem-nos esses labéus e outros ainda, pois, com certeza.

Mas um tudo-nada mais também: é que nem um só jovem de hoje o foi mais do que nós no nosso tempo amputado: na irreverência ou no ardor, na devoção às ideias ou no gosto de rasgar alvoradas.

E ainda muitos as têm consigo, numa juventude permanente que nem a carcaça já dorida consegue comprometer.

Este romance, que hoje se reedita depois de lhe passar certidão de óbito, é testemunho desse tempo. No seu conteúdo como no seu estilo fica a imagem do autor, mais parecido aqui do que nos retratos de família. E também a grandeza e a pequenez de uma época que ainda guarda segredos nesta memória. Como tudo é limitado!

Que antecedentes pessoais valerá a pena testemunhar nesta nota?

Comecei a escrever aos 12 anos num dos jornais manuscritos do Colégio Arriaga, ali à Junqueira, perto da Praia, onde vivi em regime de internato durante quatro anos, no fim do qual me entregaram um diploma com pompas gráficas, roseta vermelha sob selo branco e garantia para comerciantes de meia-tigela de que sabia do Deve e Haver e do trivial num escritório, acrescentado aos luxos do francês e inglês em «acusos a recepção da carta de V. S.ª» com molho de «atento, venerador e obri-

gado». Quase no início do último ano corri o risco de expulsão por mor de uma crónica sobre o caldo verde que nos servia o Eugénio, um beirão todo xes na fala e blandícias de sorrisos, mas que enriquecia à nossa custa e do prestígio do colégio. O caldo verde melhorou e rareou nas ementas, o Eugénio tirou forra noutro quinhão qualquer e eu continuei com o Luís Kol a fumar cigarros de onça com os proventos do aluguer do jornal.

Por essa altura, iniciei colaboração no semanário da minha terra com um artigo em que pedia a criação de biblioteca pública no Jardim do Adro, no qual o director botou um lustrinho final da sua prosa, ensarilhando-me com a rainha Santa Isabel e o milagre das rosas, o que foi muito apreciado pelos burgueses pacatos. Também alinhei versos — ora, pois não! —, que juntei num livro manuscrito para oferecer ao meu pai no dia do seu aniversário, embora mais tarde reincidisse com a lira do amor temporão por raparigas casadoiras.

Desde então, tomei o gosto pela escrita, sem perceber que me amarrava à galé dos sacrifícios. Lia com paixão o que me caía debaixo dos olhos, sem peneira fina. Lembro-me ainda de que o Forjaz de Sampaio me tornou ácido durante um tempo e que o inconformismo aparente de António Ferro me alapou com girândolas de imagens futu-

ristas. O primeiro empurrou-me para outro livro manuscrito em que zurzia as mulheres, por procuração de certa rapariga de Alhandra que não se resolvia a mudar-me os cueiros. Andava pelos meus 15 anos e ainda mal lhes tocara; só por isso me desculpo a parvoeira.

Se o Camilo me comoveu, a ironia do Eça deliciou-me ao tombar pimpampuns, convenções parolas e autoridades seculares de carne e pau. Foi pela sua mão que me cheguei à janela da Europa. E logo alinhei num grupo de rapazolas estudantes conhecido em Vila Franca por «mocidade esperançosa». Só dois saíram doutores. Éramos ferozes antiburgueses por influência do Antero e do Eça, do Orfeu e da Presença, embora alguns nada quisessem com gente mal lavada ou mal pensante, julgando-se escol para conduzir rebanhos. Durante as férias jogávamos futebol e escavacávamos os espantalhos conformistas da burguesia.

Exultei com Almada Negreiros e amei José Tagarro; sentíamos todos uma sadia aversão pelo Dantas e pelo Carlos Reis. Pascoais e Aquilino assustaram-me na sua força quase telúrica e António Patrício acalmou-me. Ouvi-o como a um violino, nessa orquestra surpreendente de poetas e escritores a que me devotara. Raul Brandão veio logo depois e aturdiu-me para sempre.

Recordo ainda o meu encontro com a prosa incendiada e barroca de Fialho, achando nela um ponto de fusão semelhante ao da minha sensibilidade exaltada. Gaibéus nasceu com o seu ferrete.

Entretanto, vendia cafés por atacado da torrefacção do meu pai na área de Alenquer e Cartaxo, completando a minha aprendizagem de benquista comerciante da nossa praça, na qual já contava certa prática de balcão de mercarias e fazendas, lotes de cafés e torras de cevada-santa, a que acresciam as minúcias contabilísticas, sempre olhadas por meu pai como se eu manejasse cadinhos de fogo. Nessa altura, porém, andava de noite com os gatos, em estúrdias, bailes e serenatas; a contabilidade atrasou-se, o Pai Redol percebeu a marosca e sentenciou-me prisão dentro do cacifo do escritório, depois de pôr bem claro o que pensava do meu desleixo. Os primeiros sintomas do craque americano começavam já a varrer a Europa, fazendo desabar alguns banqueiros, pequenos industriais e comerciantes, estes atónitos e soterrados com letras protestadas, freguesia de mau pago e labéus de cima e de baixo para a falta de pulso na pequena barca. A do meu pai começou a meter água.

Em 1928 parti para África. Aos 16 anos. Desembarquei com 50\$, uma garrafa de vinho do Porto e a expe-

riência de uma viagem com emigrantes de 3.^a classe e condenados por crimes na militança.

Vivi em Luanda durante três anos. Em seis meses de desemprego às sopas do Kol, depois assalariado na Direcção de Fazenda, onde contava tempos de serviço para efeito de licenças e reformas, mais tarde numa grande organização colonial, no seu departamento de comércio e indústria automóvel. Ai comi algumas vezes, e pela primeira vez, o pão que o Diabo amassou, mas tudo valeu a pena: tanto os opróbrios como os estímulos. O pão da vida é bom, embora leve muita volta a chegar à boca dos que o merecem.

As condições concretas por mim experimentadas puseram-me, surpreendido, perante um verdadeiro microscópio. Até então nunca espreitara a vida por lentes tão poderosas e lúcidas, embora soubesse, na minha vivência com avós e tios, ferreiros, ferradores e camponeses, os amargos de boca da condição humilde. Convivera muito com gaibéus, carmelos, varinos e operários que vinham aviar-se à loja do meu pai, onde fui marçano. O balcão, porém, tornava-se fronteira que me impedia de compreendê-los. Faltava-me provar a vida assalariada. Ai a tinha plena, sem amparo de família nem amor bonito de mulher minha. Vendia trabalho e comprava o que me faltava para viver.

Aos 18 anos, perplexo, descobri mina debaixo de uma cama de campanha: um caixote com livros. Agarrei nessa altura mais alguns segredos da minha chave para penetrar no mundo.

Quando voltei de Luanda, vinha mais para a morte do que para a vida. Pagava a peita de três anos com uma anemia palustre, regressando na mesma classe em que abalara. Fui sempre até aí passageiro de 3.^a

Continuei a colaborar no jornal de Vila Franca e promovi-me no semanário Notícias Ilustrado, onde me encontrei com o Faure da Rosa. Depois dei-me a ensinar num sindicato operário, como em Luanda o fizera numa escola nocturna, e na qual todos os professores andavam no desemprego, como eu.

Ensinei bem pouco no sindicato, mas aprendi muito do que hoje sei no convívio dos meus alunos. Aprendia onde me era possível; continuava a ler afanosamente no comboio e em casa, ao voltar de Lisboa do meu trabalho num escritório, acrescentando à minha ânsia de saber o que então me parecia mais adequado para a realização do sonho que me propusera atingir. Poetas e economistas, romancistas e filósofos materialistas tornaram-se meus companheiros de viagem entre Lisboa e Vila Franca. Todos eles me mostravam a dificuldade de alcançar o equilí-

brio entre o que gostaria de contar e a maneira de fazê-lo, embora soubesse que a prioridade caberia ao conhecimento do homem através dos seus problemas colectivos e individuais. Vivia intensa e apaixonadamente o meu tempo. Ouvia Stendhal no seu conselho avisado: «Procurar o porquê das coisas que sucedem leva-nos a encontrar e a entender os factos que se sucederão.»

Sabia já também que o drama da alienação do homem é dialéctico, embora estivesse bem longe de lhe conhecer, ou sequer pressentir, as múltiplas implicações.

Entretanto, na medida das minhas possibilidades bem limitadas, procurava aglutinar o estudo e a experiência para a criação de um estilo que estruturasse um dia o conteúdo do que pudesse revelar. Neste propósito, escrevi em 1936 um conto de ambiente africano, Kangondo, que enviei ao semanário O Diabo. Rodrigues Lapa mandou-me um postal para que lhe aparecesse. O nosso encontro revestiu-se para mim de importância igual à da minha ida para Angola: ambos se tornaram decisivos para o escritor que hoje sou.

Ali criei a secção «De sol a sol», onde publiquei crónicas e contos ribatejanos, confundindo rebuscamento com estilo, num amálgama de poesia romântica e de Fialho, de barroquismo e de certo tom melodramático que corres-

pondiam, por um lado, à falsa ideia de que «escrever difícil» seria o objectivo supremo de um verdadeiro escritor, e, por outro, à exaltação com que sentia os problemas das personagens a que aderira por origem familiar e por decisão de consciência premeditada.

O meu coração colocara-se com veemência ao lado do povo. Essa paixão turvava-me, talvez, a clareza da prosa, traindo o aprendiz de escritor que só numa escorreita simplicidade se poria à altura dos temas que conhecia e elegera. Mas não era possível, a quem então se metera, por inteiro, na batalha pela dignificação dos homens aviltados, ganhar a perspectiva lúcida naquele mínimo de distância que leva o escritor a dominar o assunto, sem que lhe deturpe as equivalências no plano estético.

Poderei agora perguntar se conviria à própria literatura, nesse momento exacto, a busca da distância em relação à realidade concreta, e bem dramática, da época que experimentávamos na carne e na inteligência. Interrogo ainda se o afastamento premeditado do escritor para atingir o equilíbrio necessário à obra literária perfeita não poria em risco, num momento de contradições tão vivas e de opções tão radicais, a justa posição do homem no contexto político-social de então. Não acabaria assim o escritor por ser afectado também?

Por essa via se entra, pouco a pouco, e muitas vezes, na ilha obtusa onde a distância se vai indefinindo e mirrando, até ficar na própria sombra; se a sombra não involui, arrastando o homem e pondo-o a refocilar, como tantas vezes acontece, nos labirintos subjacentes do intelectual abstruso.

Acabei por tomar rumo diferente. Embora limitando o escritor por algum tempo, admitamo-lo com coragem, nunca o deixei afastar em demasia do homem que vivia o quotidiano com a consciência possível do todo colectivo em que enraizava o seu dia a dia assalariado. Assim consegui chegar a Barranco de Cegos.

Que se teria passado com o escritor, se o deixasse evadir-se da prisão das coordenadas desse tempo? Deixo a pergunta, não afianço nem nego, e retomo o fio da história de Gaibéus.

Numa visita que fiz à Lezíria Grande com Rodrigues Lapa, tendo por anfitrião o malogrado lavrador-poeta Pompeu Reis (poeta pela paixão com que cuidava da terra que nem era sua), descobri a gente da Glória, tão diferenciada no vestuário como nos hábitos de vida e de trabalho dos outros alugados dali. A veia romântica abriu-se-me para o invulgar desse povo sequestrado por ele próprio entre Mariniais e Coruche. Rodrigues Lapa deu-me

o estímulo, lá me radiquei o tempo disponível para a recolha dos materiais etnográficos, e já em 1938 os preparava para a edição que fiz de minha conta.

Todas as sextas-feiras, mal soava a hora do fim da grilheta diária, largava-me da Duque de Loulé para S. Pedro de Alcântara e aí me fornecia de quase três dezenas de exemplares de O Diabo, que vendia em Vila Franca aos que não juntavam dinheiro para assinatura, ou, insofridos como eu, não aguentavam a expectativa de mais umas horas de ausência. A companhia desse jornal tornara-se guloseima para a nossa fome de cultura.

Certa tarde, já Rodrigues Lapa abandonara a direcção de O Diabo e ao seu corpo de redactores pertenciam o Mário e o Jorge Domingues, o Álvaro e o Fernando, entre outros, encontrei na administração um crítico literário peruano ou cubano, se bem me lembro, Carlos de nome, professor primário no seu país.

Vejo-o de luto, sereno, de rosto ainda jovem e cabelos grisalhos, magro, alto, falando espanhol mas ensaiando algumas palavras em português. Conversámos várias vezes. Um dia confessou-me que se interessara por conhecer a minha colaboração no semanário e que queria falar-me sobre o assunto. Ouvira dizer que eu preparava um livro. Que livro?...

Resumi-lhe com entusiasmo o material que descobrira na Glória.

Na sua voz quente e repousada, achou que sim, que a etnografia era importante, mas que eu deveria começar a escrever um romance.

Fiquei aturdido, como se o homem me mandasse agarrar no zimbório da Estrela, todo inteiro, e levá-lo a pé para o Mouchão das Garças, por exemplo. Um romance?!...

Pois, um romance.

Nunca até então pensara nessa hipótese, embora gostasse um dia de lá chegar. Andava pelas crónicas, lambuzava uns contarelos, admitia atirar-me de cabeça para uma novela...

Muita ambição para as minhas posses, mas enfim...

Ao jeito imagético da minha pátria ribatejana, Carlos, o peruano, desafiava-me para eu fazer uma pega de caras, sem ajuda, a um toiro corridão com a cartilha toda sabida na ponta das hastes cornalonas. Escabujei na minha dúvida, na firme convicção de que o homem exagerava na amizade, querendo atirar-me, de sopetão, para alturas onde não conseguiria manter-me.

A dúvida, porém, começou a agir, sorrateira. «Um romance, não, mas talvez pudesse tentar uma novela», pen-

sei sôzinho, quase um ano depois. Vieram as noites de insônia, carregadas de sugestões, deslumbrantes e penosas, angustiadas e promissoras. E certa noite de Maio, depois de regressar a Vila Franca no comboio ronceiro e sujo que me trazia do emprego de Lisboa, comecei a escrever uma novela.

Entretanto, Carlos regressara ao seu país, e eu aproveitara as férias de Setembro para viver com os ranchos do lavrador Henrique Honorato, nas suas lavras de arroz na Casa Branca, junto ao Tejo, em Azambuja. Regressava ao convívio dos gaibéus com os olhos e a inteligência despertados. O desprezo dos rabezanos por essa gente sentira-o eu próprio, muitas vezes, em menino, na hostilidade por meu pai, considerado também gaibéu pelos homens da Borda-d'Água.

A personagem principal da novela que escrevia era o Pananão, camponês ribatejano da minha intimidade, meio tonto, todo alvoroços de imaginação para as mulheres, que gostavam de vê-lo exaltado. Dei-lhe título: Cio. Sem conta nem medida, arrepiado com os frios da emoção ou com a febre de quem tenta um sonho grande e bonito, escrevi quanto pude.

Quando achei que as páginas já faziam vulto na secretária, ao fim de algumas semanas de trabalho intensivo,

dei-me à contagem de letras e espaços, o que não foi tarefa fácil para a missanga miúda da minha letra; multipliquei-os pelo número de linhas de cada quarto de papel branco e tomei da biblioteca, talvez simbolicamente, um dos romances que relia com frequência: O Crime do Padre Amaro, de Eça.

Nunca esquecerei o maravilhoso transtorno que senti ao certificar-me de que escrevera 72 páginas de um livro impresso a tinta negra, bem negra, sobre papel para livro, brochado como um livro, com capa de livro, um livro, sim, um livro!...

Na noite seguinte iniciava o meu primeiro romance. Gaibéus viria a ser também o primeiro romance neo-realista português.

Nunca soube se Carlos, o peruano, previu que a sua mão no meu ombro me atiraria para essa aventura. Lembro-me dele muitas vezes... E como não?! Se devo a esse quase desconhecido o grande salto que dei no tempo, antecipando-me às dúvidas que iriam atormentar-me, por certo, durante mais uns anos!

Aprendiz no ofício, atirei-me de chapuz para dentro das dificuldades, com o gosto de lhe acrescentar mais algumas de minha conta. Não há como a juventude para espantar receios.

Propus-me com Gaibéus criar um romance anti-asunto, ou, melhor, anti-história, sem personagens principais que só pedissem comparsaria às outras. O tema nasce no colectivo de um rancho de ceifeiros migradores, acompanha-lhes os passos desde a chegada à partida da lezíria ribatejana, no drama simples e directo da sua condição, destaca um ou outro para apontar certos fios mais individualizados, mas logo os faz regressar à trama do grupo.

O trabalho produtivo, a exploração descarnada do homem pelo homem, tomados nos seus aspectos mais crus, na lâmina viva do dia a dia, dominam o livro.

Os fios pessoais para a superação do drama desenrolam-se em dois sentidos: um deles pela fuga dos ceifeiros ansiosos por emigrar, cujo inteiro significado só agora se avalia; o outro pela confiança ainda elementar do ceifeiro rebelde, personagem sem rosto e sem nome, um tanto eu próprio com a minha experiência africana; ou ainda pela camaradagem entre os jovens rabejanos e gaibéus que esboça o fim da hostilidade absurda dos adultos, cujas consequências deveriam levar à concretização de um colectivo mais amplo e dinâmico, quando uns e outros compreendessem qual o inimigo comum, se a mensagem do ceifeiro rebelde tivesse voz ampla para lhes dar unidade.

Recordar o campino que se fez ladrão, a rapariga que vai para o aposento do Agostinho Serra e se lembra da Balbina, a prostituta da Rua Pedro Dias, de Tomar, as velhas, o ceifeiro que vem ao Ribatejo para juntar dinheiro para a renda da terra na sua aldeia, é mostrar outros tantos caminhos da alienação numa sociedade degradada, em que o valor da troca arreata o homem à degradação.

Há em todo o romance a impetuosidade desregrada, o arrebatamento impulsivo de um jovem que anseia por libertar o homem de tais grilhetas, desejando que a sua pena se torne ferramenta de progresso. Os lineamentos da transposição do tema correspondem ao que havia de linear na própria realidade transposta. Só por um lado, é evidente. Porque no outro se reflectia às escâncaras a falta de aprofundamento dialéctico dessa mesma realidade nas suas contradições, implicações, compromissos, desvios e superações. Queria dizer «amor» e faltava-me a língua, como diz o povo.

Tão aguerrida batalha pelo conteúdo em literatura parecia urgente a todos os jovens que ansiavam plantar os alicerces para um novo tipo de cultura extensiva às grandes massas ausentes da actual, preparando pelo alargamento à quantidade a síntese posterior da qualidade.

Afigura-se evidente que à literatura não cabe resolver problemas económicos, sociais ou políticos. A afirmação não valeria o trabalho de escrevê-la, se não aquietasse certos pequenos budas. Mas não é de menor evidência que todos eles pertencem ao foro humano e que à literatura se deve consentir que surja sempre como a voz do escritor que a cria.

Gaibéus seria um compromisso deliberado da reportagem com o romance, em favor dos homens olvidados e também da literatura aviltada. Não conseguiu voar tão alto nem tão longe. Mas, perante a ameaça que depois tão trágicamente todos provaram na consciência, ou na própria carne, Gaibéus quis ser, e foi, um dos gritos exactos de um drama colectivo e privado.

Ainda hoje não me arrependo de o haver escrito, embora não ignorasse, já então, o que se afirmara a propósito de certos acontecimentos de 1830 e da sua influência na literatura alemã: «Tornou-se moda, mais ou menos, entre os literatos de segunda ordem, compensar a mediocridade das suas criações com alusões políticas, sempre seguros de atraírem a atenção pública. A poesia, o romance, a crítica, o drama, toda a produção literária, em suma, extravasava do que se chama a tendência, quer dizer, de ma-

nifestações mais ou menos tímidas de um espírito de oposição.»

Tomo a citação não só para que se avalie o poder crítico do filósofo, que compromete na ignorância ou na aleivosia os que afirmam ser o materialismo dialéctico uma dança rodada de alegres compadres, mas ainda porque a esmagadora maioria da literatura neo-realista, incluindo Gaibéus, embora literatura de tendência, fê-la ressaltar das situações e da própria acção, sem que a tendência fosse explicitamente formulada e não se desse ao leitor a solução histórica futura dos conflitos sociais que descrevia.

O que não significa, do ponto de vista estético, que o meu romance não aceite a ordenação que cada um lhe quiser apor. Sem discussões.

Escreve estas palavras, sem receio ou alarde, a mesma mão que fez vibrar o público de 1939. Passaram quase vinte e sete anos depois que a primeira palavra foi meditada e lançada ao papel.

A mão será a mesma?...

Parece a mesma, e é essa e já outra bem diferente. Ou outras, talvez, para melhor dizer. Que ao menos na confissão do que se entende legar para amanhã não caiba a sombra do enxovalho à verdade, doa a quem escreve,

doa ou alegre a quem lê. Os testemunhos não podem ser almofadões que se encham de bazófiás, louvaminhas ou vinganças.

Embora não deva esquecer-se que existem verdades de classe, e que estas conjugam e ultrapassam as dos próprios indivíduos que a compõem, as do escritor, porém, mais limitadas se o entenderem uns, mais livres e amplas se o acharem outros, não pactuarão com as conveniências do tempo, uma vez que a sua obra aspira a projectar-se para além das limitações quotidianas, nas quais encharca as raízes, por muito que se esconda a terra donde nasce.

Já o disse um dia e retomo as mesmas palavras:

Escrever um romance, tentar fazer um romance, é sempre penetrar nos domínios da arte literária, mesmo que, por absurdo, algum escritor o não queira, mesmo que ele tente esquecer tudo o que faz parte do património comum dos romancistas. O que pode suceder em dado momento, quando alguns insistem em traçar limites para a literatura, entendendo que lhe está vedado exprimir, por exemplo, os dramas quotidianos de um povo, é que outros reaja-m contra essa limitação, trazendo exactamente ao primeiro plano as alienações sociais de que é vítima o homem. Foi o que aconteceu aí por 1938-39 com o neo-realismo, que quis ser mudança de perspectiva na literatura,

e, portanto, uma nova experiência para o seu enriquecimento. Como, porém, esses outros escritores se vangloriavam da sua posição extrema de arte pela arte, desfigurando-a, a reacção operou-se também por outro excesso, fenómeno natural no jogo das contradições, principalmente quando vem de jovens que se supõem, e ainda bem, capazes de renovar o mundo, o homem e a arte.

O neo-realismo foi assim um sadio combate de juventude.

E daí certo desprezo aparente por tudo o que representasse literatura sem raízes sociais bem vincadas, embora alguns dos seus poetas herdassem exactamente do «presencismo» a seiva formal para a sua poesia, enquanto outros se aconchegavam a García Lorca ou Alberti, a Machado ou a Éluard, para só citar alguns. O excesso, porém, é sempre a ganga fatal, e benéfica também, de um primeiro impulso. Mesmo em arte, o iniciar dos movimentos polémicos jamais se faz por compromissos.

Gaibéus propôs-se ser testemunho vivo dessa antítese. Trazia com ele todas as virtudes e os fatais defeitos de um embrião. É livro típico de uma atitude, mais outra voz na velha querela da função da arte. Uma voz apaixonada, como é salutar quando se rompe combate.

O que a portada deste primeiro livro não exprime, contudo, é uma tomada de posição contra a literatura, mas antes a confissão plena de que o autor não se sentia capaz de criar, então, uma autêntica obra de arte literária. Os outros que a classificassem. Ao autor importava, antes de tudo, que o seu livro fosse testemunho do que considerava, e ainda hoje considera, um dos mais profundos aspectos da realidade da vida portuguesa.

Há nestas palavras uma autocritica que exemplifica a minha posição quanto à verdade que o escritor deve a si próprio e aos outros.

Já aludi às indigências de estilo na minha colaboração em O Diabo, as quais comprometiam a interior unidade necessária entre o conteúdo e a forma do romance aqui analisado. Um certo tom teatral pela exaltação, onde o adjectivo andava de poleiro, um estilo oratória, rebuscado, que só não poderá chamar-se hipocrisia estilística por não ser intencional. Influências de Michael Gold e Amado em certos veios formais pela repetição de grupos de palavras que pretendia veicular mais profundamente, de maneira quase obsessiva, lirismo exaltado, constante jogo de imagens, etc., etc.

Faltava-me, pois, racionalizar a prosa, ganhar sobriedade, não tanto, porém, que enfraquecesse a mensagem,

como tantas vezes acontece. Necessitava de alcançar, como Gramsci escreveu, a forma vivaz e expressiva, ao mesmo tempo sóbria e contida, porque, insistindo nesse trabalho aparentemente só formal, acabaria por agir praticamente sobre o conteúdo; ganharia assim a deflação da retórica que estrofia a cultura, particularmente a cultura jovem que se dirija para uma sociedade humana e científica.

Nesta autocrítica fica um programa que venho a cumprir ao sabor das minhas limitações e que hesito hoje em prometer aos amigos fiéis.

Eu, que sempre trabalhei com a Primavera e sou assim uma espécie de arbusto despertado quando o sol se prende à terra, sinto-me agora ermado, de tal modo pareço vazio e ausente. É bem certo que o tempo goiva os homens.

Veremos se não perco a voz para contar ainda o que tenho para contar. E se a memória me não trai para preceder cada romance reeditado com estas notas que ajudarão à história do nosso fado.

Gaibéus tem a sua história.

Banal talvez, às vezes ingénua, noutras sábia ou astuta, dramática também, mais do que tudo dramática.

Gaibéus nasceu quando muitos morriam por nós. Não o esqueçamos. Seria absurdo, mesmo num mundo para-

doxal, olvidar o que a esses devemos. Impõe-se recordar certas datas:

Em Março de 1938 as tropas hitlerianas entravam na Áustria;

Em Setembro ocupavam o território dos Sudetas e conseguiram a paralisia estratégica da Checoslováquia;

Em Março de 1939, ainda sem combate, o nazismo ocupava o resto daquele país;

Em 1 de Setembro de 1939 penetrava na Polónia.

Seguiu-se a segunda grande guerra, que deixou no rasto do seu apocalipse 55 milhões de mortos e 5 milhões de desaparecidos.

Presentiram-na desde 1936 muitos homens desse tempo. Eu estava com eles. Gaibéus germinou nessa época e foi consciência alertada antes de ser romance. Quem o ler, portanto, deve ligá-lo às coordenadas da história de então. Só dessa forma saberá lê-lo na íntegra.

Penso que fora do contexto social do lugar e do tempo não há obra literária que se compreenda na raiz. Há excepções, sem dúvida, e muito honrosas. Mas esta, pelo menos, nunca se libertará, e ainda bem, da hora trágica e consciente que a viu nascer.

alves redol

Maio de 1965

INDICE

	Pág.
<i>Breve memória</i>	13
<i>Rancho</i>	37
<i>Arroz à foice</i>	49
<i>Trégua</i>	85
<i>Sete estrelas na praia</i>	117
<i>Mensagem da nuvem negra</i>	153
<i>Porto de todo o mundo</i>	207
<i>Malária</i>	225
<i>«Vou-me embora, deixo o campo...»</i>	275
<i>O Inverno vem aí</i>	309